

Infra-estrutura da literatura biomédica: considerações acerca de um núcleo de revistas brasileiras do setor saúde¹

PROF. ANTÔNIO A. BRIQUET DE LEMOS²

INTRODUÇÃO

Uma vez que os periódicos especializados ainda constituem o veículo principal de comunicação científica é inteiramente compreensível que esta série de reuniões sobre as atividades futuras da BIREME e seu papel na difusão de informações biomédicas na América Latina seja iniciada com este exame da situação das revistas de saúde editadas no Brasil.

Este trabalho limita-se ao exame de certas características das revistas médicas brasileiras, principalmente aquelas que foram escolhidas para serem indexadas no *Index Medicus Latino-Americano* (IMLA).

RESUMO HISTÓRICO

A tardia introdução da imprensa no Brasil, que se deu, em começos do século XIX, fez com que os trabalhos escritos por médicos brasileiros até aquela data fossem publicados em revistas de outros países, principalmente Portugal.

A primeira revista médica brasileira surgirá ainda bem mais tarde, em 1827, quase 20 anos após a introdução da imprensa e a implantação do ensino médico no país. Fundada por um médico francês que se radicou no Brasil, José Francisco Xavier Sigaud, essa revista, que se intitulava *Propagador das Ciências Médicas* ou *Anais de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, teve, como a grande maioria de suas sucessoras, vida efêmera, pois logo no ano seguinte desaparecia, após a publicação de dois números.

¹Documento apresentado ao Reunião do Grupo de Trabalho sobre Informação Biomédica e da Saúde, celebrada em Brasília, Brasil, 28-30 de Novembro de 1979.

²Centro de Documentação do Ministério da Saúde, Brasília, D.F.

O aparecimento dessa e de quase 50 outras revistas médicas no século XIX não eliminou totalmente a prática que então se adotava de publicar artigos médicos e travar polêmicas científicas nas páginas dos jornais diários, ainda que os autores tivessem de pagar por isso. Em 1862, a *Revista Médica do Rio de Janeiro* se anuncia como uma opção gratuita para a difusão de trabalhos médicos.

Dificuldades em seguir o calendário de publicação, improvisação, reduzida tiragem e circulação limitada, vida efêmera e duplicações desnecessárias caracterizarão a grande maioria das revistas médicas do século XIX. Apenas duas tiveram vida relativamente longa, tendo chegado até o século XX: a *Gazeta Médica da Bahia* e o *Brasil-Médico*.

Essas dificuldades e a sucessão de fracassos não desestimularam os fundadores de novas revistas. Dinah Población *et al.* (1) estimaram em cerca de quase 2.000 o total de títulos de revistas médicas editadas entre 1827 e 1978. Mesmo que se excluam dessa estimativa muito generosa publicações de caráter noticioso nela incluídas, o número total certamente será superior ao milhar.

MORTALIDADE DAS REVISTAS

Dos 182 títulos de revistas indexados pelo *Índice-Catálogo Médico Brasileiro* em 1939, sobreviviam em 1970, apenas 47 (26%), conforme se pode verificar pela análise da publicação *Periódicos Brasileiros de Ciência e Tecnologia* (PBCT).

Dos 74 títulos de periódicos escolhidos para inclusão no IMLA, apenas 18 tinham sido fundados nos primeiros 40 anos deste século (tabela 1). Isto significa que apenas 10% dos periódicos indexados pelo *Índice-Catálogo*

Tabela 1. Data de fundação dos títulos indexados no IMLA.

Anos	Títulos	%	
1900 - 1909	2	2,7	} 24%
1910 - 1919	2	2,7	
1920 - 1929	5	6,7	
1930 - 1939	9	12,2	
1940 - 1949	19	25,7	} 76%
1950 - 1959	11	14,9	
1960 - 1969	16	21,6	
1970 - 1977	10	13,5	

Médico Brasileiro em 1939 ainda estavam em circulação: os outros 90% correspondiam a revistas suspensas ou cuja qualidade havia baixado tanto a ponto de se tornarem irrelevantes.

A reduzida taxa de sobrevivência parece ser confirmada pelo estudo de Dinah Población *et al.*, segundo o qual apenas 18% das revistas fundadas durante o último decênio sobreviviam ao final desse período.

Em 1968, o IBICT editou um guia das publicações periódicas correntes (*Periódicos Brasileiros de Cultura*), arrolando 2.049 títulos, em todos os campos do conhecimento que circulavam em 1960. Desse total, 340 (17%) correspondiam a revistas biomédicas. Em separado, eram relacionados 945 títulos interrompidos ou para os quais não se dispunha de informações completas, os quais perfaziam, 46% do número de títulos que, por critérios muito flexíveis, eram então considerados correntes em todos os campos do conhecimento. O total de títulos biomédicos nessa mesma situação era de 130, ou seja, 38% das revistas biomédicas consideradas correntes e 14% do total de títulos suspensos em todos os campos do conhecimento.

Em 1975, o IBICT voltou a fazer novo levantamento, abrangendo apenas as revistas de ciência e tecnologia. Apesar dessa drástica limitação, o número total de títulos subiu para 2.927, incluindo as publicações suspensas. A publicação resultante desse levantamento, *Periódicos Brasileiros de Ciência e Tecnologia*, publicada em 1977, não relaciona separadamente os títulos suspensos, tornando difícil calcular esse total para todos os ramos do conhecimento. Verificamos, porém, no caso particular das revistas biomédicas, que 393 títulos 67 (17%) tinham sido consideradas suspensas. O total geral de títulos biomédicos correspondia então a 13% do total de revistas editadas em ciência e tecnologia (Ver tabela 2).

Pode-se supor que, como o número de títulos indexados entre 1937 e 1977 permaneceu relativamente estável, as taxas de nascimento e mortalidade durante o período mantiveram-se quase equivalentes, ocupando os novos títulos o lugar dos que tinham desaparecido (Ver tabela 3).

Tabela 2. Totais de revistas segundo diferentes fontes.

Fonte	Ano	Total de títulos
Índice-Catálogo Médico Brasileiro	1949	154
Periódicos Brasileiros de Cultura	1960	340
Periódicos Brasileiros de Ciência e Tecnologia	1970	326
Bibliografia Brasileira de Medicina	1970	152
Anuário Estatístico do Brasil	1975	49
Tulio Arends	1976	266
Dinah Población <i>et al.</i>	1979	136

Tabela 3. Totais de revistas indexadas na *Bibliografia Brasileira de Medicina* entre 1937 e 1977.

Ano	Número de títulos indexados
1937/1938	179
1939	182
1940	154
1941/1952	223
1957	115
1958	135
1965	82
1966	128
1967	116
1968	113
1969	94
1970	152
1971/1972	192
1973/1974	128
1974/1975	92
1975/1977 (pt. 1)	57
1975/1977 (pt. 2)	30

Nota: Não foram editados os volumes correspondentes aos anos 1953/1956, 1959/1964 e 1972/1973. A acentuada redução do número de títulos indexados nos dois últimos volumes publicados pode ser atribuída, em parte, à decisão adotada pelo IBICT de indexar apenas "um núcleo de revistas brasileiras expressivas para o assunto" (Cf. Introdução do v. 20, pt. 2 (1975/1977) da *Bibliografia Brasileira de Medicina*).

PERIODICIDADE

Das 74 revistas indexadas pelo IMLA, 38% são publicadas trimestralmente, seguindo-se os periódicos bimestrais, que representam 16%, acompanhados pelos mensais, que constituem 15% do total, pelas revistas quadrimestrais (8%), pelas semestrais (4%) pelas anuais (3%).

A periodicidade acima indicada é aquela almejada mas raramente obedecida pelas revistas, que se encontram, na maioria, em atraso crônico.

No citado estudo de Dinah Población *et al.*, foi verificado, em abril de 1979, que apenas 12 das 136 revistas consideradas correntes haviam publicado algum fascículo com data do corrente ano, 65 ainda estavam com a data de 1978 e o resto, correspondendo a 43% do total, ainda se encontrava nos anos de 1976 e 1977, lentamente marchando para um atraso cada vez maior, num claro prenúncio de uma morte próxima.

Com freqüência, os editores lançam mão do artifício de editar volumes acumulados, cobrindo vários anos e assim trazendo a revista para a data

do ano corrente. Tudo indica que raramente essa solução resolve os problemas estruturais que levaram ao atraso. As próprias revistas de instituições governamentais—que, teoricamente, não teriam problemas financeiros para se manter, pois são subsidiadas com recursos do orçamento público—defrontam-se com tal problema, talvez porque os cortes orçamentários e as mudanças administrativas tendem, por um tropismo irresistível, a se abater sobre as atividades ligadas à cultura, entre as quais as revistas e as bibliotecas são alvo de particular atenção.

TIRAGEM

Não é fácil obter informações indiretas sobre a tiragem das revistas médicas. As obras de referência consultadas e os fascículos das próprias revistas nos permitiram conhecer a tiragem de somente nove (12%) dos títulos indexados no IMLA, a saber:

<i>Jornal Brasileiro de Medicina</i>	45.000 exemplares
<i>Revista da Associação Médica Brasileira</i>	35.000 exemplares
<i>Revista Brasileira de Odontologia</i>	10.000 exemplares
<i>Revista Médica do HSE</i>	10.000 exemplares
<i>Jornal de Pediatria</i>	7.000 exemplares
<i>Jornal Brasileiro de Ginecologia</i>	6.000 exemplares
<i>Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia</i>	3.000 exemplares
<i>Pediatria Prática</i>	3.000 exemplares
<i>Arquivos de Neuro-Psiquiatria</i>	900 exemplares

Esses dados não podem ser considerados significativos para a maioria das revistas indexadas no IMLA. Para conhecer com exatidão sua tiragem, será necessário fazer um inquérito junto aos respectivos editores.

Os dados acima podem apenas ser indicativos de que os limites máximo e mínimo correspondem, respectivamente, a revistas de circulação dirigida, sustentadas por uma publicidade maciça de fornecedores de produtos e equipamentos médicos, ou por associações que congregam elevado número de profissionais, e a periódicos de cunho mais científico, com pouca ou nenhuma propaganda. O caso da *Revista Médica do HSE* corresponde à situação atípica de uma revista editada por um dos maiores hospitais do país, que é mantido pelo Governo Federal e conta com recursos humanos e financeiros suficientes para assegurar a distribuição gratuita de uma publicação que contribui para o prestígio da instituição.

EDITORES

No que se refere à identificação das instituições responsáveis pela edição das 74 revistas indexadas no IMLA, analisamos 68 títulos, que representam 92% do total. Os dados encontram-se na tabela 4.

Praticamente a metade das revistas indexadas no IMLA é editada por associações profissionais, que incluem desde a Associação Médica Brasileira e suas filiadas até pequenas associações de âmbito institucional. O segundo lugar ocupado nessa lista pelas instituições de ensino mostra que as mesmas têm papel muito importante no processo de comunicação biomédica. Mas, ao mesmo tempo, isso pode revelar certo isolacionismo institucional do mundo acadêmico.

As 27 revistas editadas por instituições de ensino, instituições oficiais, instituições de pesquisa e hospitais são publicados por entidades que, em sua quase totalidade, dependem, direta ou indiretamente, de recursos governamentais. Isso põe em relevo a reduzida participação das editoras comerciais no total de títulos editados.

A análise das diferentes listas de periódicos examinadas durante a elaboração deste trabalho mostrou o progressivo desaparecimento, a partir da década passada, das revistas publicadas por laboratórios farmacêuticos. Algumas destas, apesar de seu evidente objetivo publicitário, conquistaram merecida reputação entre a comunidade médica, principalmente quando davam acolhida a trabalhos de pesquisa sem qualquer ligação com o laboratório mantenedor da revista. Muitas eram publicadas por laboratórios farmacêuticos nacionais e desapareciam na medida em que tais laboratórios faliam ou eram adquiridos por empresas estrangeiras. O desaparecimento de outras, publicadas por laboratórios estrangei-

Tabela 4. Instituições responsáveis pela edição das revistas.

Tipo de instituição	No. de títulos	%
Associação profissional	32	47
Instituição de ensino	11	16
Instituições oficiais	8	11
Instituições de pesquisa	5	7
Editoras comerciais	4	6
Hospitais	3	4
Sociedades científicas	2	3
Sociedade científica + sociedade profissional	1	1
Sociedade profissional + hospital	1	1
Sociedade profissional + instituição de ensino	1	1

ros, provavelmente se deveu a que muitas revistas editadas por associações profissionais ou editoras comerciais passaram a constituir uma solução menos onerosa e mais “neutra” para a difusão de literatura promocional.

A revista *Folha Médica*, designada como órgão oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Médicos Assessores da Indústria Farmacêutica e da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina, publicou um total de 224 artigos durante 1978. Desse total, 152 trabalhos (68%) eram descrições de ensaios clínicos de medicamentos, alguns deles ainda inexistentes no mercado farmacêutico brasileiro. O que parece confirmar a definição dada por Albert Szent-Györgyi aos medicamentos e drogas. Para o cientista húngaro, medicamento “é uma substância que, quando injetada num animal, produz um artigo” (2).

DISTRIBUIÇÃO DOS TÍTULOS POR ESPECIALIDADES

Na qualificação das revistas segundo as especialidades, levamos em conta unicamente a denominação do periódico. Portanto, a inclusão do nome de uma especialidade no título de uma publicação foi o único critério de sua colocação em determinada área. As revistas de medicina em geral ou que são publicadas por hospitais foram qualificadas como de clínica geral. Não se trata de uma classificação lógica, mas, para chegar a um resultado lógico, seria necessário fazer uma análise dos artigos nelas publicados durante um período de tempo significativo, a fim de determinar os assuntos predominantes para cada uma.

A tabela 5 mostra a distribuição dos títulos indexados no IMLA segundo as especialidades.

Duas áreas—a da saúde pública e a da enfermagem—apesar de sua enorme importância social, contam com reduzido número de revistas. Dispensa comentários a ausência de uma revista especializada em nutrição e alimentação.

Também chama atenção a ausência de uma revista nacional de educação sanitária. A revista *A Saúde do Mundo*, publicada em português pela Organização Mundial da Saúde, apesar de sua alta qualidade, atinge um grupo limitado de leitores e o seu conteúdo é, naturalmente de caráter internacional, o que não contempla as necessidades específicas do Brasil.

Tabela 5. Distribuição dos títulos de revistas e médicos por especialidades.

Especialidade	No. de títulos	%	% de médicos sobre o total de 77.256 ¹
Clínica geral	17	23	32,2
Interdisciplinar	9	12	-
Saúde mental e neurologia	8	11	4,2
Ginecologia e obstetrícia	3	4	12,0
Medicina tropical	3	4	-
Saúde materno-infantil	3	4	14,2
Análises e patologia clínica	2	3	4,3
Cardiologia	2	3	6,3
Cirurgia	2	3	3,5
Enfermagem	2	3	- ²
Odontologia	2	3	-
Oftalmologia	2	3	3,1
Microbiologia	2	3	-
Anestesiologia	1	1	2,5
Cancerologia	1	1	-
Administração hospitalar	1	1	-
Dermatologia	1	1	1,7
Educação médica	1	1	- ³
Gastroenterologia	1	1	1,2
Hanseníase	1	1	-
Ortopedia	1	1	3,5
Otorrinolaringologia	1	1	3,0
Reumatologia	1	1	-
Radiologia	1	1	1,4
Saúde ocupacional	1	1	-
Tuberculose	1	1	-
Urologia	1	1	1,6

¹Dados de 1978. Fonte: Relatório anual da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica, 1978/1979.

²Em 1973, havia 10.000 enfermeiros no país.

³Em 1973, havia 6.811 docentes em cursos de medicina de graduação. Fonte: MEC, *Ensino Superior*, 1973.

LINGUA

A análise de 1.161 artigos publicados em 27 (36%) títulos dos 74 escolhidos para indexação no IMLA durante 1978 mostra significativa predominância de trabalhos em português, com apenas 50 artigos (4%) escritos em inglês e 1% em outros idiomas.

Apesar dessa predominância ocorrem situações um tanto absurdas. Por exemplo, recentemente uma revista de instituição oficial publicou um trabalho comparativo entre diferentes inseticidas que podem ser empregados contra os vetores da doença de Chagas. Esse trabalho, que mereceria ampla divulgação entre o pessoal de saúde pública, que em geral não

conhece a língua inglesa, foi publicado nesse idioma (3), acompanhado de resumo informativo em português, o que evidencia inversão de valores.

PRODUTIVIDADE DE ARTIGOS

Fizemos dois levantamentos do número de artigos publicados nas revistas médicas. O primeiro baseou-se no número de referências incluídas numa série de volumes da *Bibliografia Brasileira de Medicina*, no período 1965/1975 (tabela 6).

O segundo levantamento abrangem 27 títulos de revistas publicadas em 1978 e incluídas entre as 74 indexadas no IMLA. Foram arrolados 1.161 artigos, o que nos dá uma média de 43 artigos por revista. Aplicando-se essa média aos 47 títulos restantes, encontraríamos um total de 3.182 artigos publicados durante um ano por todas as revistas do IMLA. Esse número aproxima-se do total de 3.179 artigos indexados na *Bibliografia Brasileira de Medicina* de 1974/1975 e publicados em 92 títulos de revistas.

A produção média anual entre 1965 e 1975 foi de 2.700 artigos. Os valores anuais não mostram um crescimento simétrico, existindo variações inexplicáveis de um ano para outro, no que se refere tanto ao número de títulos de revistas quanto ao número de artigos. No entanto, parece-nos admissível supor que o valor médio de 3.000 artigos por ano esteja relativamente próximo das cifras reais, pelo menos nos sete últimos anos.

Para conhecer o crescimento efetivo da literatura biomédica, seria necessário, em face da desconfiança que provocam em nós os dados da tabe-

Tabela 6. Número de artigos indexados na *Bibliografia Brasileira de Medicina* entre 1965 e 1975.

Ano \	No. de títulos de revistas	No. de artigos indexados
1965	82	1.000*
1966	128	2.000*
1967	116	2.400*
1968	113	2.150*
1969	94	3.032
1970	152	4.113
1971/1972	192	6.635
1973/1974	128	2.554
1974/1975	92	3.179
Total		27.063

*Estimativa.

la 6, fazer uma contagem do número de artigos ou do número de páginas, por ano ou volume, ou simplesmente medir o espaço ocupado nas prateleiras de uma biblioteca por sucessivos volumes completos das revistas de determinada área do conhecimento. Para isso podem ser utilizadas tanto as revistas primárias quanto secundárias. A contagem de artigos indexados numa publicação secundária—a *Bibliografia Brasileira de Medicina*—não nos proporcionou dados que possamos considerar absolutamente confiáveis, embora sejam indicativos de uma tendência.

Diante da impossibilidade de fazer, em curto tempo, um estudo completo das tendências do crescimento da literatura científica brasileira e, em particular, da literatura biomédica, tomamos, a título de simples ilustração, o caso da *Revista Brasileira de Biologia*. Esta vem sendo publicada regularmente durante os últimos 38 anos, é considerada como uma revista de qualidade, prestigiada pelos pesquisadores dessa área, conta com o apoio de órgãos governamentais de financiamento de pesquisas, é editada por uma instituição respeitada e, finalmente, representa um campo de conhecimento em que o Brasil conta com uma profícua e prestigiosa tradição de pesquisas.

Para avaliar o crescimento dessa revista, calculamos o número total de páginas de cada volume anual, entre 1941 e 1978. Esses volumes, cujo formato original ainda se conserva, foram agrupados em períodos de cinco anos, menos o último grupo, que cobre apenas três anos, calculando-se a quantidade média de páginas por volume anual.

Os dados da tabela 7 sugerem a necessidade de estudos mais amplos para investigar se a chamada “explosão da informação” também ocorreu no Brasil e se teve as mesmas características do fenômeno observado nos países desenvolvidos. Pelo crescimento da *Revista Brasileira de Biologia*, parece que esse aumento exponencial da informação biomédica começa a se

Tabela 7. Crescimento da *Revista Brasileira de Biologia*, de 1941 a 1978.

Período	Total de páginas no período	Média de páginas por volume anual
1941/1945	2.669	534
1946/1950	2.677	535
1951/1955	2.243	449
1956/1960	2.502	500
1961/1965	2.261	452
1966/1970	2.648	530
1971/1975	3.454	691
1976/1978	2.821	940

fazer sentir a partir de 1971. Os três últimos anos são particularmente indicativos dessa tendência. Também se pode supor que a estabilidade, sem queda de nível científico, é fator essencial para que uma revista conquiste o respeito dos meios científicos nacionais e assim obtenha colaborações de qualidade e em número suficiente para assegurar a obediência ao calendário de publicação.

O crescimento da *Revista Brasileira de Biologia* a partir de 1971 pode também ser um reflexo do maior incremento dado pelo Governo aos programas de pós-graduação e pesquisa.

INDEXAÇÃO DE REVISTAS BRASILEIRAS NO EXTERIOR

Um dos argumentos utilizados para justificar a evasão de artigos científicos brasileiros para publicações estrangeiras é o de que nossas revistas são desconhecidas da comunidade científica internacional. Segundo se alega, em geral, seus artigos não são indexados nas publicações de resumos e índices de circulação internacional. Analisaremos, a seguir, alguns trabalhos recentes que examinaram a indexação de revistas biomédicas brasileiras em publicações secundárias estrangeiras.

Dinah Población *et al.*, no artigo já citado, mostram que 113 (83%) dos 136 títulos que consideraram correntes, eram indexados nas publicações que examinaram (*Index Medicus, Excerpta Medica, Biological Abstracts, Current contents, Science Citation Index e Tropical Diseases Bulletin*); 44 títulos eram indexados em apenas uma publicação secundária, e 69 em duas ou mais.

Analisando em 1978 os títulos de revistas brasileiras indexados, entre 1975 e 1977, em *Biological Abstracts, Chemical Abstracts, Index Medicus e Current Contents*, Anneliese Cunha *et al.* (4) encontraram um total de 411 títulos de revistas, 166 (40,6%) dos quais correspondiam à área biomédica. Esse total é superior ao que seria de se esperar em face dos totais de títulos de revistas médicas correntes que apresentamos anteriormente. Seria importante conhecer quais foram os títulos que as autoras consideraram como sendo de Biomedicina.

Maria Teresinha Dias de Andrade (5), em estudo sobre a repercussão da *Revista de Saúde Pública* na literatura mundial, medida através dos artigos indexados em seis publicações secundárias estrangeiras, considerou "muito bom" o total de 116 artigos indexados, sobre 298 publicados.

Brennen e David (6), fazendo a análise de revistas indexadas no *Tropical Diseases Bulletin*, demonstraram que, entre os 41 títulos de revistas que

permitiriam uma cobertura de 53,7% da literatura periódica de medicina tropical, a *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo* ocupava o 12º lugar, com 173 citações. A *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* estava em 36º lugar, com 73 citações.

Não parece, portanto, totalmente procedente o argumento segundo o qual somente a publicação de artigos em revistas estrangeiras poderá assegurar sua difusão entre a comunidade científica internacional. As revistas brasileiras que mantêm padrões aceitáveis de qualidade científica, periodicidade regular e obediência às normas internacionais de apresentação de artigos em periódicos científicos, não desprezando a inclusão de resumos informativos corretamente redigidos em língua de ampla circulação internacional, encontram seu lugar nos índices e publicações de resumos internacionais.

É natural e justificável, no entanto, que essas publicações secundárias, por mais que pretendam ao universalismo, adotem critérios específicos de seleção de revistas e artigos a serem indexados. Uma vez que refletem os hábitos de utilização da informação das comunidades científicas a que se destinam prioritariamente, e que, em última instância, são as que as mantêm financeiramente, não se pode delas reivindicar que abranjam de forma mais ampla ou até mesmo exaustiva as revistas científicas de países periféricos da ordem econômica e política internacional. Insistir nesse ponto será reforçar a própria dependência desses países.

Assim também, é natural e justificável que o Brasil e outros países em desenvolvimento elaborem suas próprias publicações secundárias, em que se faça da forma mais abrangente possível o controle bibliográfico da produção científica nacional.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Repete-se em relação às revistas médicas uma característica comum aos países subdesenvolvidos: elevadas taxas de natalidade associadas a altos índices de mortalidade. E a preocupação com o excesso populacional também se encontra com relação ao excesso de periódicos especializados.

Reclamar do excesso de publicações não é hábito de nossos dias. Já no Eclesiastes (12:12) encontra-se a advertência de que “não há limite para fazer livros, e o muito estudar enfado é da carne”. Em 1613, um autor se queixava de que “uma das mazelas desta época é a multiplicidade de livros; sobrecarregam tanto o mundo que ele não pode digerir a abundância de matéria inútil que é incubada e lançada ao mundo todos os dias”;

ou, como diria outro autor, mais tarde, no século XVIII, “esta é realmente a década da revista, e se deveria procurar limitar seu número e não aumentá-lo, pois também poderão vir a existir periódicos demais” (7).

No Brasil, em janeiro de 1944, ao apresentar ao público o primeiro número da *Revista Brasileira de Medicina*, seus editores se queixavam de que havia no país um “excesso” de revistas médicas de qualidade discutível, manifestando a esperança de que se repetisse aqui o fenômeno de “seleção natural” que levara ao desaparecimento, nos Estados Unidos, das revistas de qualidade inferior. Lamentavam ainda os abusos da propaganda de “um número imenso de especialidades farmacêuticas”, cujas revistas chegavam gratuitamente às mãos do prático, muitas delas procurando, “com hábil técnica psicológica”, colocá-lo sob tutela, “manobrando-o quanto à escolha e dosagem dos medicamentos”. E continuavam dizendo que “os próprios profissionais, mesmo alguns da mais alta categoria, parecem ignorar que os artigos dessas publicações perdem seu valor e seu cunho científico, sendo praxe não os citar em bibliografias e sim antes considerá-los trabalhos mercenários, razão, aliás, que, noutros casos, pode explicar realmente seu aparecimento” (8).

Quando se realizou o 11º Congresso Nacional de Medicina, em 1962, a situação das revistas era motivo de inquietações quanto a sua qualidade e difusão. Infere-se das recomendações aprovadas pela mesa-redonda sobre imprensa médica organizada por aquele congresso (9) que a seleção de originais para publicação não era feita com o devido rigor, que os atrasos eram devidos à inexistência de um editor devidamente remunerado e de que havia abuso de propaganda farmacêutica em jornais e revistas não destinados exclusivamente à classe médica. Daí a idéia de que fosse editada uma revista bilíngüe, intitulada *Selected Papers of Brazilian Medical Literature*, destinada a “divulgar os melhores trabalhos científicos brasileiros”. Em 1968, uma editora comercial iniciou a publicação da *Revista Brasileira de Pesquisas Médicas e Biológicas*, cujos objetivos correspondiam às aspirações expressas nessa recomendação da mesa-redonda de 1962.

Em 1967, a bibliotecária do então Departamento Nacional da Criança fez um modesto inquérito pioneiro para averiguar as razões da morte prematura dos periódicos médicos nacionais (10). Lamentavelmente, o texto publicado não apresenta dados numéricos sobre quantas respostas foram obtidas, limitando-se, praticamente, a transcrever os depoimentos de dois médicos com experiência na edição de revistas e a apresentar as seguintes recomendações para a melhoria dessas revistas: 1) diminuir o seu número, antecipando-se à recomendação semelhante que Tulio Arends faria mais tarde, em 1976; 2) vinculação das revistas a instituições responsáveis

e qualificadas ou a editoras comerciais especializadas; 3) orientação da publicidade para os periódicos de mais alto nível; e 4) aquisição pelo Governo de assinaturas de revistas para distribuição no interior do país.

Arends (11), preocupado com a demesurada proliferação de revistas médicas na América Latina, estabeleceu aquilo a que denominou de “coeficiente ótimo de revistas médicas”, determinado pelo cálculo da média de médicos por publicações médicas existentes em 11 países fora do continente latino-americano que contassem com mais de 100 revistas médicas. Assim, obteve a média de 799 médicos por revista. O mais sério problema dessa média é que foi baseada na realidade de países desenvolvidos, onde o processo da comunicação científica não é necessariamente igual ao dos países em desenvolvimento.

Aplicado a situação brasileira atual, o coeficiente proposto por Arends indica que o número ideal de revistas médicas brasileiras seria da ordem de 100. Se ao total de médicos somarmos o total de enfermeiros, esse número ótimo passa para 113 títulos.

Ao concluirmos este trabalho, acreditamos ser importante destacar os seguintes pontos:

1. Nos últimos anos começa a se estabilizar a edição de revistas médicas mais representativas, embora não se tenha alterado fundamentalmente a tendência antiga de promover a publicação de revistas sem a necessária infra-estrutura que lhes assegure uma vida útil prolongada.

2. A obediência ao calendário de publicação dessas revistas ainda deixa a desejar, principalmente no caso de publicações editadas por organismos oficiais e instituições de ensino e pesquisa.

3. Há excessiva dispersão por especialidades, com reduzida cobertura de áreas importantes para o desenvolvimento social e o bem-estar da maioria da população, como é o caso das revistas de saúde pública e educação sanitária.

4. A estrutura da indústria farmacêutica implantada no país provoca uma inflação de anúncios e trabalhos científicos de qualidade duvidosa elaborados em função da promoção de medicamentos.

5. Conforme salientou Stepanenko (12), ainda persiste certa falta de planejamento na organização de nossas revistas científicas, revelada principalmente pela não utilização de profissionais especializados em editoração e edição.

6. Toda a área da comunicação científica carece de um planejamento adequado, que caberia às entidades mais representativas dos setores científicos do país, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. No caso particular das ciências da saúde, esse planejamento deveria contar com a colaboração do Ministério da Saúde, da Academia Nacional de Medicina, da Associação Médica Brasileira, do Ministério da Previdência e Assistência Social e da Biblioteca Regional de Medicina e Ciências da Saúde.

7. O controle bibliográfico da produção biomédica a nível nacional deve ser aprimorado, com o fortalecimento do IMLA e mesmo a edição de um subproduto do mesmo, abrangendo apenas as revistas brasileiras.

8. O controle bibliográfico a nível internacional parece negar as expectativas mais pessimistas, sendo razoável admitir que se tornará mais amplo na medida em que forem superadas as principais deficiências de que padecem as revistas médicas brasileiras.

Num exame mais profundo da estrutura da comunicação biomédica no Brasil, não se poderá deixar de examinar o fenômeno emergente de uma imprensa médica alternativa. Essa imprensa resulta do aparecimento de um novo tipo de associação de profissionais da saúde preocupados em debater as deficiências e os dilemas da prestação de serviços de saúde no país. É importante examinar, portanto, o papel que podem ter no planejamento dessa comunicação os centros de estudos sobre saúde que já existem em algumas cidades. Um deles, o do Rio de Janeiro, publica uma revista—*Saúde em Debate*—que é o melhor exemplo desse tipo de imprensa alternativa.

Finalmente, convém ter em conta que a comunicação em saúde reflete as características mais amplas da sociedade em que se insere e, particularmente, o paradigma dominante no sistema de educação superior, de pesquisa e de prestação de serviços de saúde. Alterações nesse paradigma certamente provocarão alterações na estrutura da comunicação científica em geral.

Para encerrar, um último exemplo das pressões do sistema social sobre a edição de uma revista científica. Foram os obstáculos à comunicação entre a França e o Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, que propiciaram o aparecimento da *Revista Brasileira de Biologia*. Até então, os membros da Sociedade de Biologia do Brasil publicavam seus trabalhos nos *Comptes Rendus* da Société de Biologie de Paris. Como aconteceu com outros bens manufaturados que então importávamos do exterior, tivemos de aqui mesmo produzir esses bens, num processo de substituição de importações que caracterizou uma etapa de nosso desenvolvimento industrial. A adoção de mecanismos de substituição de importações no campo da comunicação científica, hoje em dia, talvez reforçasse sua estrutura e contribuisse para diminuir a evasão de divisas.

Agradecimento. Agradeço à colega Maria Angela de Carvalho Lechuga pela inestimável ajuda na análise das revistas indexadas no IMLA.

RESUMO

São examinadas neste artigo certas características de 74 revistas médicas brasileiras arroladas no *Index Medicus Latino-Americano* (IMLA) compilado pela Biblioteca Regional de Medicina e Ciências da Saúde (BIREME).

Após assinalar a reduzida taxa de sobrevivência de tais publicações, das quais outros estudos consignam quase 2.000 títulos entre 1827 e 1978, o autor aponta a dispersão de especialidades, a falta de planejamento e de obediência a calendários de publicação, e o excesso de trabalhos de qualidade duvidosa para a promoção da venda de medicamentos como alguns dos problemas que levam à evasão de artigos científicos brasileiros para publicações estrangeiras. Assinala também que, contrariando o propalado desconhecimento das revistas brasileiras na comunidade científica internacional, aquelas que mantêm padrões aceitáveis de qualidade científica, periodicidade regular e obediência às normas internacionais de apresentação de artigos são freqüentemente citadas em publicações de resumos e índices de circulação internacional.

Outro aspecto examinado é o aparecimento na estrutura da comunicação biomédica no Brasil de uma imprensa médica alternativa para o debate de problemas da prestação de serviços de saúde.

REFERENCIAS

- (1) Población, Dinah Aguiar, Regina Célia B. Belluzzo, Ivani Gerola, Jurema Cardoso, Maria Cecília Figueiredo, e M. Julieta A. S. Camargo, Periódicos biomédicos brasileiros: problemas de produção e normalização, *Anais do 10º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1979, v. 2, p. 572-589.
- (2) Apud Coblans, Herbert, The control and communication of bio-medical information. *Ann. Ist. Super. Sanità* 6:138-150, 1970.
- (3) Pinchin, R., et al., Slow-release insecticides for triatomine control: activity and persistence; preliminary field trials, *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais* 30:44-63, 1978.
- (4) Cunha, Anneliese Carneiro da, Virgínia Lobo Ferreira, Marily Graeber, e Laís Fernandes de Carvalho, Divulgação científica em periódicos brasileiros, *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* 11 (1/2):43-46, jan./jun. 1978.
- (5) Andrade, Maria Teresinha Dias de, A *Revista de Saúde Pública* na literatura mundial, *Revista de Saúde Pública* 12 (3):259-262, set. 1978.
- (6) Brennen, Patrick W., e W. Patrick Davey, Citation analysis in the literature of tropical medicine, *Bulletin of the Medical Library Association* 66 (1):24-30, jan. 1978.
- (7) Apud Kronick, David A., *A History of Scientific & Technical Periodicals*, 2. ed., Metuchen, N.J., Scarecrow, 1976, p. 171.

- (8) Apresentação, *Revista Brasileira de Medicina* 1 (1):1-2, jan. 1944.
- (9) Imprensa médica no Brasil; conclusões, *Boletim da Academia Nacional de Medicina* 134 (2):169-170, ago. 1962.
- (10) Ferreira, Havilah Cunha Pinto, Sugestões para melhoria dos periódicos nacionais. Trabalho apresentado ao V Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, 1967, 11 pp.
- (11) Arends, Tulio, Las revistas médicas latinoamericanas; diagnóstico de la situación y proposiciones para mejorarlas, *Investigación Clínica* 17 (1):1-17, 1976.
- (12) Stepanenko, Alexis, Produção da informação formal/apresentação da informação: problemas gráficos, *Anais da 1a. Reunião Brasileira de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 1975*, Rio de Janeiro, IBICT, 1978, v. 1, p. 187-193.

INFRAESTRUCTURA DE PUBLICACIONES BIOMEDICAS: CONSIDERACIONES ACERCA DE UN NUCLEO DE REVISTAS BRASILEÑAS DEL SECTOR DE SALUD (*Resumen*)

En este artículo se examinan ciertas características de 74 revistas médicas brasileñas incluidas en el *Index Medicus Latino-Americano* (IMLA) preparado por la Biblioteca Regional de Medicina y Ciencias de la Salud (BIREME).

Después de señalar la reducida tasa de supervivencia de esas publicaciones, que según otros estudios abarcaron casi 2.000 títulos entre 1827 y 1978, el autor menciona entre otros problemas que dificultan la aparición de artículos científicos brasileños en publicaciones extranjeras, la falta de planificación y de calendarios de publicación y el exceso de trabajos de dudosa calidad para la promoción de la venta de medicamentos. Señala además que, en contra del pretendido desconocimiento de las revistas brasileñas en la comunidad científica internacional, las que mantienen una calidad científica adecuada, salen regularmente y se ajustan a las normas internacionales sobre presentación de artículos, son citadas frecuentemente en reseñas e índices de distribución internacional.

Otro aspecto examinado es la aparición en la estructura de las comunicaciones biomédicas brasileñas de otra revista médica para el debate de los problemas de prestación de servicios de salud.

INFRASTRUCTURE FOR BIOMEDICAL LITERATURE: CONSIDERATIONS ON A NUMBER OF BRAZILIAN HEALTH JOURNALS (*Summary*)

The article considers certain characteristics of 74 Brazilian medical journals listed in the *Index Medicus Latino-Americano* (IMLA) compiled by the Regional Library of Medicine and Health Science (BIREME).

After remarking on the low survival rate of these publications, of which other studies list almost 2,000 titles between 1827 and 1978, the author cites the coverage of too many specialties, a lack of planning and of adherence to publishing schedules, and an overproportion of papers of dubious quality to promote sales of medical products as some of the reasons for the flight of Brazilian scientific articles to foreign publications. He also notes that, despite the disregard in which Brazilian journals are widely supposed to be held in the international scientific community, those that maintain acceptable standards of scientific quality, are published regularly and comply with international standards for the presentation of articles are cited often in collections of abstracts and indexes of international standing.

Another aspect considered is the emergence in the structure of biomedical information in Brazil of an alternative medical press for the discussion of problems in the delivery of health services.

INFRASTRUCTURE POUR LA DOCUMENTATION BIOMÉDICALE: CONSIDÉRATIONS SUR UN CERTAIN NOMBRE DE REVUES MÉDICALES BRÉSILIENNES (*Résumé*)

Cet article examine certaines caractéristiques de 74 revues médicales brésiliennes énumérées dans l'*Index Medicus Latino-Americano* (IMLA) établi par la Bibliothèque régionale de médecine et des sciences de la santé (BIREME).

Après quelques observations sur le faible taux de survie de ces publications, dont certaines autres études énumèrent près de 2000 titres entre 1827 et 1978, l'auteur fait observer qu'elles couvrent trop de spécialités, qu'elles manquent de planification et de respect des dates de publication et qu'elles contiennent trop d'articles de qualité douteuse pour promouvoir les ventes de produits médicaux, ce qui explique pourquoi tant d'auteurs d'articles scientifiques brésiliens préfèrent que leurs articles paraissent dans des revues étrangères. Il note également que, malgré le peu d'admiration que sont censées inspirer les revues brésiliennes dans les milieux scientifiques internationaux, les publications qui maintiennent un niveau de qualité scientifique acceptable, qui sont publiées régulièrement et qui respectent les normes internationales pour la présentation d'articles sont souvent citées dans les recueils de résumés et d'index de réputation internationale.

Cet article évoque également l'apparition dans la structure de l'information biomédicale au Brésil une autre presse médicale qui examine les problèmes que pose la fourniture des services de santé.